

O QUE PODE UMA IMAGEM?

Experimentações e(m) câmeras e(m) lugares-escolas

¿QUÉ PUEDE UNA IMAGEN?

Experimentaciones e(n) câmaras e(n) lugares-escuelas

WHAT CAN AN IMAGE?

Experimentations with cameras in spaces-schools

Bruna Letícia Nunes Viana

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

João Ricardo Viola dos Santos

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

RESUMO

Nesses escritos, imagens, nos tensionamos com uma pergunta: o que pode uma imagem? Com ela, inventamos um processo de experimentação, um ensaio entre palavras e imagens; no entre de como imagens deslocam palavras; entre como escolas outras são produzidas entre imagens e palavras, sempre em movimentos, linhas. Como cenário desse tensionamento, temos uma travessia produzida entre duas escolas da rede básica de ensino do estado de Mato Grosso do Sul: a escola rural quilombola Zumbi dos Palmares, em Jaraguari-MS, e a escola urbana Padre José Valentim, em Campo Grande-MS. Xs alunxs dessas duas escolas produziram interações entre eles, compondo perguntas e respostas a partir da troca de vídeos e fotos que foram feitas sobre e a partir de seus lugares-escola. Essa aposta na produção imagética (e fílmica) vem em uma tentativa de operar a arte enquanto potência de experimentação, em uma direção de alguns movimentos que decolonizam disciplinas, grades de conteúdos e qualquer tipo de hierarquização meritocrática de organização escolar. Nossos tensionamentos neste ensaio inventam outras narrativas e lógicas, que se inventam em possibilidades de escolas outras: sempre singulares; como espaços de partilhas; em problematizações do que nelas acontecem; em outros vacilos, traços, linhas, em produções inventivas.

Palavras-chave: Imagem. Lugares-escola. Educação Matemática

RESUMEN

En estos escritos, imágenes, nos tensamos con una pregunta: ¿qué puede una imagen? Junto a ella, inventamos un proceso de experimentación, un ensayo entre palabras e imágenes; en entre cómo las imágenes mueven las palabras; entre cómo se producen otras escuelas entre imágenes y palabras, siempre en movimientos, líneas. Como escenario de este tensado, tenemos una travesía producida entre dos escuelas de la red de educación básica del estado de Mato Grosso do Sul: la escuela rural quilombola Zumbi dos Palmares, en Jaraguari-MS, y la escuela urbana Padre José Valentim, en Campo Grande. MS. Lxs estudiantes de estas dos escuelas produjeron interacciones entre sí, componiendo preguntas y respuestas basadas en el intercambio de videos y fotos que se tomaron sobre y desde sus lugares-escola. Esta apuesta por las imágenes (y la producción cinematográfica) viene con un intento de operar el arte como un poder de experimentación, en la dirección de algunos movimientos que decolonizan disciplinas, planes de contenidos y cualquier tipo de jerarquía meritocrática de organización escolar. Nuestras tensiones en este ensayo inventan otras narrativas y lógicas, que se inventan en las posibilidades

de otras escuelas: siempre singulares; como espacios de compartidas; en problematizaciones de lo que sucede en ellos; en otras vacilaciones, rasgos, líneas, en producciones inventivas.

Palavras-chave: Imagen. Lugares-escuela. Educación Matemática.

ABSTRACT

In these writings, images, we tension ourselves with a question: what can an image? With it, we invented a process of experimentation, an essay between words and images; in the between of how images move words; between how schools other are produced between images and words, always in movements, lines. As a scenario of this tensioning, we have a crossing produced between two secondary schools of the State of Mato Grosso do Sul, Brazil: the *quilombola* [communities of descendants African slaves] rural school Zumbi dos Palmares, in Jaraguari-MS, and the urban school Padre José Valentim, in Campo Grande- MS. The students from these two schools produced interactions between them, composing questions and answers based on the exchange of videos and photos that were taken on and from their school places. With on imagery and film production we produced an attempt to operate an art while *potentia* of experimentation, in the direction of some movements that decolonize subjects, curriculum and any type of meritocratic hierarchy of school organization. Our tensioning in this essay invent other narratives and logics, which are invented in possibilities of schools other: always singular; as spaces of sharing; in problematizations of what happens in them; in vacillations, lines, inventive productions other.

Keywords: Image. Spaces-school. Mathematics Education.

Em uma fissura entre rabiscos, números, setas, palavras, lousa, fotografia, ..., um primeiro encontro com alguns escritos de Alik Wunder:

Nas escolas fotografa-se muito. Parece haver uma busca cotidiana de imortalizar alguns instantes, de dar certa importância a eles, de trazê-los à vista. A escola pensada para fazer durar saberes, valores, atos, desejos é também lugar de apagamentos (Amorim, 2005) - os escritos da lousa transformam-se diariamente em pó de giz; os cartazes são jogados no lixo ao final dos bimestres... Apagamentos de identidades em imagens, o desejo sempre de uma outra escola.

A escola com seu fio do tempo quebrado pelos sinais que separam as aulas, pelos bimestres que separam os conteúdos, pelos anos... Esmagada pela imagem de um tempo que corre, por tudo que querem fazer caber nela, pelo que se espera ser a professora, os alunos, os pais... tempo que nunca chega. A escola e seus diversos encontros, suas intensidades efêmeras, seus emaranhados de desejos, de experiências descontínuas, de forças em deriva. E as caixas repletas de fotografias empilham-se nos armários, os computadores cada vez mais repletos de imagens digitais.

As imagens produzidas na escola parecem entrar no jogo de vontade de retenção temporal, mas inexoravelmente, as fotografias nos arremessam a sentidos sem morada no tempo. Fragmentos suspensos, sem antes nem depois, entre a morte e a vida. Há diferentes temporalidades nestes dizeres do passado fissurados pela imprevisível passagem da luz e pela planificação das coisas e seres em uma superfície. (WUNDER, 2007, p. 1-2)



1 ENTRE-LUGARES-ESCOLA

*Olhar. Muito mais que olhar, é ver.
Ver é um exercício.
Angela Guida*

O quanto de escola cabe no artigo *definido* de “A escola pública”? O quanto de escola cabe em alguns lugares? O quanto de lugares-escola cabem em um olhar? E se a gente pudesse ver com o lado de dentro dos olhos?”. Guiadx por esta pergunta-incômodo e por algumas outras perguntas vertiginosas, fomos levadx a desenvolver uma dissertação de mestrado intitulada “O QUE SÓ VOCÊ VÊ NA ESCOLA? Encontros, alunxs, cenas e...”¹, que possuiu como cenário de pesquisa duas escolas de Mato

Grosso do Sul, a Escola Estadual rural quilombola Zumbi dos Palmares (EEZP) e a Escola Municipal urbana Padre José Valentim (EMPJV), e cujo objetivo foi investigar processos de produções de lugares-escola a partir das produções imagéticas e fílmicas feitas por alunxs de lugares-escola. (VIANA, 2020, no prelo)

Optamos pela utilização do termo lugares-escola para designar espaços que estão muito além de uma instituição, ou de um espaço físico. Lugares-escola são espaços em que cenas são produzidas escapando dos muros que cercam a escola, das paredes, das salas. para a Cenas estas que nos parecem fugidias demais palavra escola (talvez por todas as cercas que construímos em torno dessa palavra ao longo da vida), e que, por inaugurar um lugar único, de cada um, em que todas elas e muitas outras existem, constituem um lugar-escola.

Nesse ensaio, trazemos novamente essa pergunta, assim como algumas imagens e escritos produzidos por essxs alunxs, a fim de caminhos outros que nos colocamos em travessias em nosso processo de investigação.

Com o intuito de fazer com que você, leitora, leitor ou leitorx, também possa produzir seus caminhos, fazemos uma proposta:

¹ Essa dissertação, escrita pela primeira autora e orientada pelo segundo autor deste artigo, foi defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul em 04 de fevereiro de 2020, e encontra-se em fase de publicação.





experimente ver as imagens
que povoam
essa página e
também
o artigo
(definido). Tente nos entres também...



Todas as imagens utilizadas foram feitas nas experimentações envolvendo fotografia e cinema nas duas escolas mencionadas, pelxs alunxs, pesquisadorxs e/ou colaboradorxs de pesquisa, que buscavam produzir lugares-escola *com* fotos e vídeos, fugindo assim de uma perspectiva apenas representacional ou de captura de uma “essência” das coisas que já estavam ali, postas, para que alguém as fotografasse ou filmasse. Esse jeito outro de produzir lugares-escola, implica considerar que

A imagem não diz ou mostra tudo, mas é com ela que construímos o fato, que implicamos nossa sensibilidade. É com ela que compartilhamos um centro de atenção. Mas trata-se de um ver lacunar e em montagem; por vezes excessivo – posto que o evento está presente e ao espectador lhe é dado mais sons e mais imagens que ele é capaz de gerir ou organizar em uma narrativa; ou rarefeito, – às vezes “é preciso fazer buracos, introduzir vazios e espaços em branco, rarefazer a imagem, suprimir dela muitas coisas que foram acrescentadas para nos fazer crer que víamos tudo” (DELEUZE: 2005, p. 32). A imagem é sempre mais que o evento, ou menos.

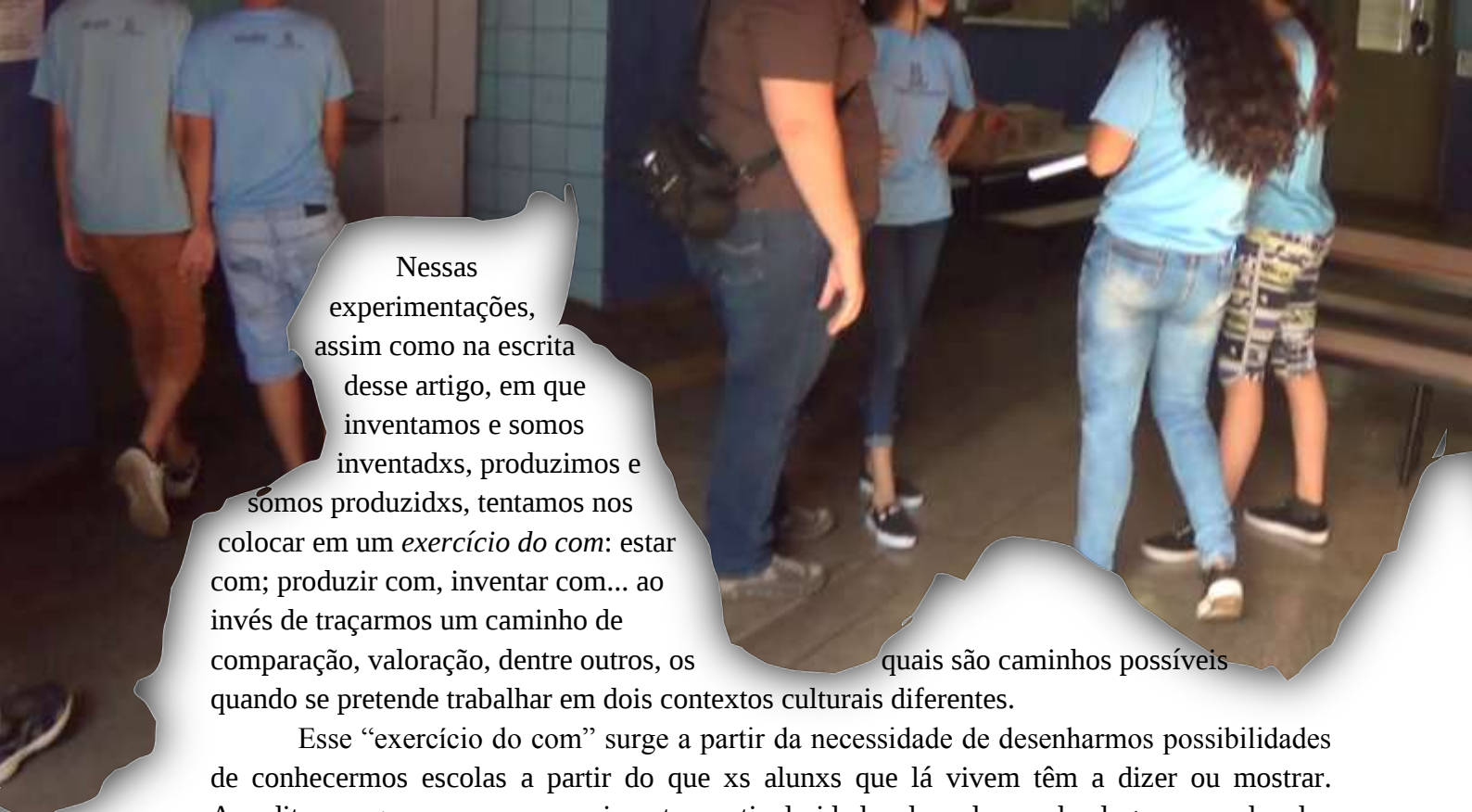
Se, por acaso, ela se confunde com o evento é porque a imagem é dispensável, descartável. Nesse caso, ou o mundo se tornou pura espetacularização ou a imagem apenas atende às demandas de ordens narrativas e representacionais que as antecede. A ética da imagem é então dependente de uma relação estética entre sujeitos que produzem a imagem e o evento. (MIGLIORIN, 2015, p. 48)

Essa aposta no atravessamento da arte quando se opera o cinema, pautada na visão ética e estética da imagem acima mencionada, foi proposta a adolescentes do oitavo e nono ano da EEZP, e do nono ano da EMPJV, em um primeiro encontro, em cada uma das escolas, por meio de experimentações.

Também fez parte dessa aposta deixar a arte costurar os encontros que seriam tecidos ao longo da pesquisa, assim como os encontros que seriam tecidos *a partir* dela, como a tessitura desse ensaio e de um possível encontro com você, leitorx. Para isso

Propomo-nos a uma intercessão com potências criativas, problematizando pensamentos, singularidades variáveis manifestas em relações de forças múltiplas, com/por uma educação que quer diferir in-ventando pelas potências da arte e da filosofia de Gilles Deleuze. Provocar devires-educação na/pela criação, abrindo brechas para uma educação-invenção esvaziada de certezas, que se deixe atravessar por intensidades de encontros, girando ventos em pensamentos. (ROMAGUERA e WUNDER, p. 126)





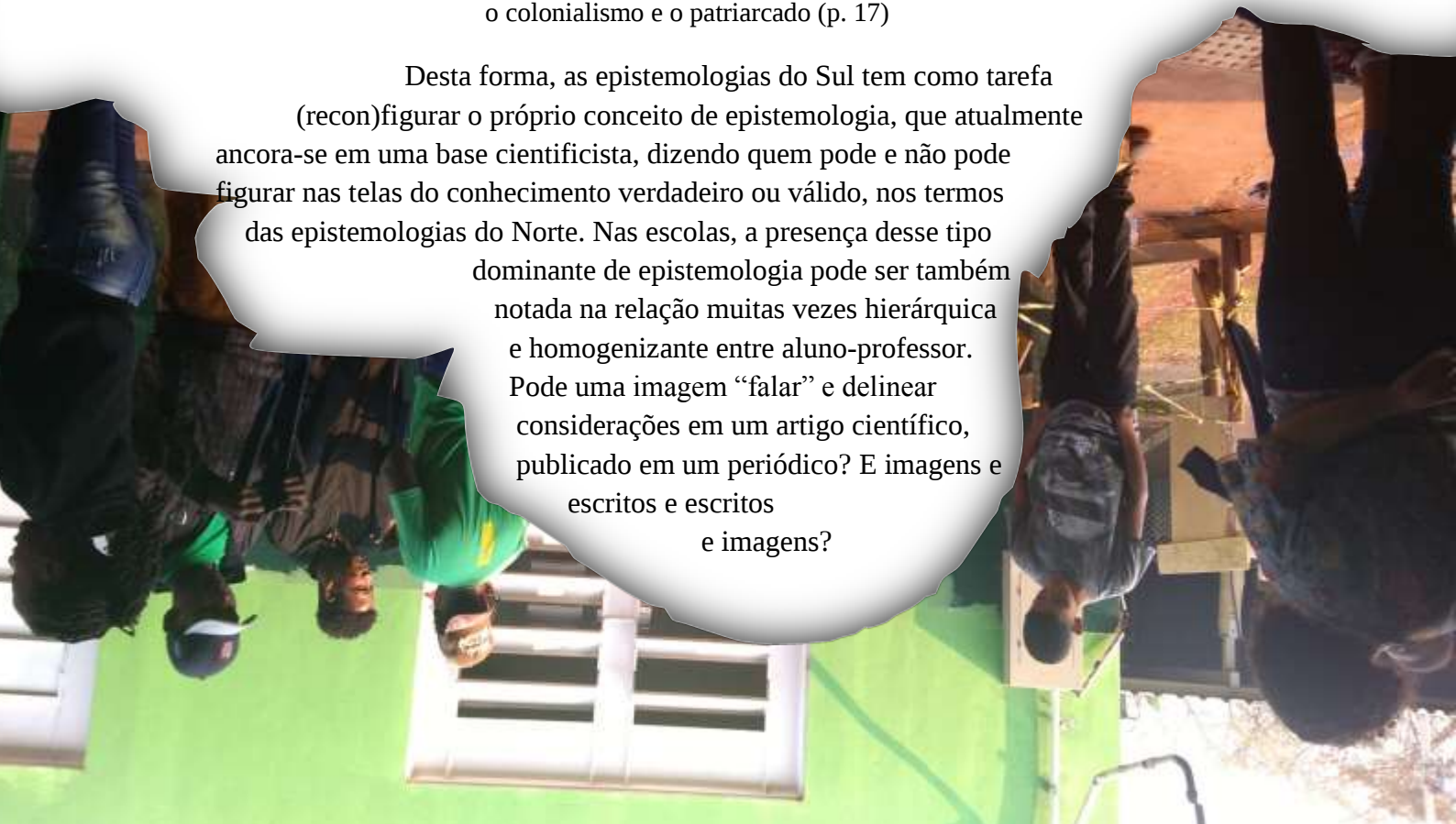
Nessas experimentações, assim como na escrita desse artigo, em que inventamos e somos inventadxs, produzimos e somos produzidxs, tentamos nos colocar em um *exercício do com*: estar com; produzir com, inventar com... ao invés de traçarmos um caminho de comparação, valoração, dentre outros, os

quais são caminhos possíveis

Esse “exercício do com” surge a partir da necessidade de desenharmos possibilidades de conhecermos escolas a partir do que xs alunxs que lá vivem têm a dizer ou mostrar. Acreditamos que, com esse movimento, particularidades de cada um dos lugares-escolas dxs sujeitxs que estiveram envolvidxs na pesquisa, poderiam aparecer: sempre em um processo fugidio, fugaz, mas que institui, institui lógicas e narrativas.

Com esse exercício, consideramos ir na direção do que Boaventura Souza Santos (2019) chama de epistemologias do Sul. De acordo com o autor,

As epistemologias do Sul referem-se à produção e à validação de conhecimentos ancorados nas experiências de resistência de todos os grupos sociais que têm sido sistematicamente vítimas da injustiça, da opressão e da destruição causadas pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado. Chamo o vasto e muito diverso âmbito dessas experiências de Sul anti-imperial. Trata-se de um Sul epistemológico, não-geográfico, composto por muitos suis epistemológicos que têm em comum o fato de serem conhecimentos nascidos em lutas contra o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado (p. 17)



Desta forma, as epistemologias do Sul tem como tarefa (recon)figurar o próprio conceito de epistemologia, que atualmente ancora-se em uma base cientificista, dizendo quem pode e não pode figurar nas telas do conhecimento verdadeiro ou válido, nos termos das epistemologias do Norte. Nas escolas, a presença desse tipo dominante de epistemologia pode ser também notada na relação muitas vezes hierárquica e homogenizante entre aluno-professor. Pode uma imagem “falar” e delinear considerações em um artigo científico, publicado em um periódico? E imagens e escritos e escritos e imagens?

Nesses movimentos e linhas entre imagens e palavras procuramos deslocar relações hierárquicas e homogenizantes, insistindo, com o exercício do com... com imagens que deslocam palavras e as produzem em outras regras, outros sabores, outras temporalidades. Pereira (2014) nos ajuda quando diz que

[...] os adolescentes encontram-se numa posição de heteronomia perante a autoridade exercida sobre eles tanto na escola como na família [...]. O estudo revela que [...] as regras e limites impostos aos adolescentes pela escola e pela família, de acordo com as análises desenvolvidas por meio das categorias autoridade como organização e responsabilização, limitam-se a conduzir os adolescentes, de forma acrítica, à aceitação e ao cumprimento de determinados comportamentos considerados adequados e ordeiros. Observou-se, também, que a autoridade exercida pelos adultos sobre os adolescentes é reduzida a expressões de autoritarismo, embora em maior ou menor grau em cada escola ou família, e é incapaz de desenvolver a autonomia limitando-se a adaptá-los a estrutura social. (p. 115-116)

Sendo assim, pensamos as experimentações *com* xs alunxs, em encontros, ensaios, sempre inacabados, sempre descontínuos, sabendo que, por mais e apesar das nossas sistematizações sobre essas experimentações, alguma coisa escaparia pelos dedos das mãos que tentavam traçar algumas direções, pelas lentes das câmeras, pelos pés des-calços que poderiam vacilar caminhos na produção de lugares-escolas. Acreditamos, com isso, que:

O valor do ensaio não radicaria, então, na sua proximidade com a verdade, mas na potência de sua *experimentação*. Desse modo, o ensaio não se submeteria às regras metodológicas em torno do que pudesse ou devesse ser uma definição sobre o certo/errado, o verdadeiro/falso, o científico/não científico, o real/irreal, etc. [...] Dessa perspectiva, o ensaio não trabalha a partir de categorias, mas da experiência. Assume um impulso antissistemático e sua estética se torna anticerimonial. Por isso, não pode obedecer nem se submeter às regras de jogo da ciência e da teoria organizada, segundo as quais as ordens das coisas é a mesma que a das ideias. É por isso que o ensaio suspende o conceito tradicional de método. [...] E não culmina num veredito final, mas sim sente que chegou o final, seu final, o final da experiência que estava em jogo no ato de ensaiar. (SKLIAR, 2014, p. 103-104, grifos meus).

Das experimentações pouca coisa sabíamos, mas o erro era uma delas. Talvez, o erro cause certo incômodo já que pode ser associado a ideia de falta, de acordo com uma ideia platônica de mundo. Talvez para algumas pessoas o erro seja assim:



o erro que não deveria existir, o erro que deve ser evitado. Algumas matemáticas (e também alguns professorxs de matemática) consideram que se deve errar o menos possível. A propósito, o quanto de erro cabe na matemática?

Mas alguns erros foram e são partes constituintes da pesquisa inventada nesse ensaio: o erro enquanto aquilo que fugiu, enquanto aquilo que escapou, enquanto presença do imprevisível. Um erro-caminho. Um erro enquanto erro da própria palavra erro. Um erro enquanto erro da própria palavra. Um erro em xis (quase marca registrada do erro), que erra a própria língua que nos diz que devemos flexionar o plural das palavras no gênero masculino, ou que cria algumas palavras apenas no gênero masculino, ou que impede qualquer outro gênero além do binário masculino e feminino existir. O xis na nossa questão é outro: x outrx mulher, x outrx não-binário, x outrx trans, x outrx...



Com esses erros apresentamos uma proposta de experimentação (que nos foi possível) feita axs alunxs das duas escolas mencionadas, em nosso primeiro encontro com elxs.

2 TRAÇANDO CAMINHOS



*Não se trata de ir a lugares novos.
Se trata de ir aos mesmos lugares,
mas de vê-los de maneiras novas.
Transver os lugares.
Angela Guida e Julio Paro*

O desafio estava posto: criar uma proposta de experimentação, envolvendo a produção de vídeos e fotos, que nos permitissem *estar junto com* alunxs de duas escolas de contextos culturais diferentes, conhecendo e produzindo lugares-escola nesse processo. A questão de *como* fazer isso, ou de como se dariam as experimentações, foram alteradas inúmeras vezes, até que fizemos um rascunho final: o primeiro encontro em cada uma dessas escolas seria dividido em três momentos – sensibilização, atividades e experimentAÇÃO.

A sensibilização se fez necessária já que queríamos que xs alunxs se sentissem à vontade (ou menos desconfortáveis) com a nossa presença na escola, ou, nas palavras de Barbosa (2017), se fez necessária para “[...] fazer com que esses exercícios abrissem brechas nos corpos e entre eles para construirmos uma abertura e uma sensibilização nas relações que precisavam ser gestadas diante das negociações que um estar com exige.” (BARBOSA, 2017, p. 135)

A primeira atividade, intitulada “É possível ver de olhos vendados?”², tinha como proposta que xs alunxs se dividissem em duplas, onde umx começaria de olhos vendados e x outrx seria uma espécie de guia para ajudá-lx a não cair, ou se machucar. Depois das duplas prontas, xs alunxs andariam pela escola tentando vê-la de olhos vendados, se atentando para aspectos como cheiros, sons, texturas, dentre outros, e quando decidissem que gostariam de fotografar algo que lhes chamou atenção (guiados por esses aspectos), elxs pediriam à quem estava sem vendas para abrir a câmera dos celulares e posicioná-la conforme suas próprias instruções. Depois disso, as duplas trocariam entre quem guiava e quem estava de olhos vendados, e ao final, quando todxs estivessem de volta à sala, a discussão giraria em torno das

² Atividade adaptada a partir das atividades desenvolvidas por Belezza (2014), em sua dissertação.

perguntas: “O que te fez parar ali naquele momento para fotografar? E o que foi fotografado?”. O objetivo dessa atividade era tornar o olho fraco pela ausência da luz, para fazê-lo funcionar de modo a permitir enxergar outras imagens, assim como discutir sobre a (im)possibilidade de conseguirmos representar ou “capturar” algumas coisas por meio da fotografia.

Essa (im)possibilidade parece ser descrita por Migliorin (2015), quando nos diz que



Não se filma qualquer coisa de qualquer maneira e o ato de filmar, com todas as suas decisões está sempre atravessado por uma ética. Essas decisões

de criação encontram lugar no espaço que existe entre o evento e a imagem. Nesse espaço/tempo entre o evento e sua representação, está o cinema e a fotografia. Ou, como escreveu Comolli, “Há uma diferença entre aquilo que o cineasta ou o operador de câmera vê e aquilo que é filmado. Essa diferença tem nome: cinema” (COMOLLI: 2008, p. 232-233). A imagem existe justamente porque não podemos ter o fato. (MIGLIORIN, 2015, p. 47)

A segunda atividade, intitulada “É possível desacostumar o olhar? ”, foi pensada para ser feita na sala de aula, em que todos deveriam fechar os olhos enquanto eu pediria para que eles fossem pensando em algumas coisas. A primeira delas, era sobre aquilo que eles viam todos os dias na escola, quando entravam na escola, do caminho que percorriam até chegar a sala de aula, na sala de aula com todas as suas aulas, no intervalo, no momento que saíam da sala de aula para fazer outras atividades, dentre outras coisas. Depois, ainda de olhos vendados, pediria para que eles pensassem naquilo que SÓ CADA UMX via, todos os dias, na escola, ou seja, naquilo que eles acreditavam que ninguém mais conseguia enxergar, naquilo que tornava a escola única para cada umx. Enquanto eles pensavam sobre isso, começaria a ler o poema seguinte.

O Fotógrafo - Manoel de Barros

Difícil fotografar o silêncio.

Entretanto tentei. Eu conto:

Madrugada a minha aldeia estava morta.

Não se ouvia um barulho, ninguém passava entre as casas.

Eu estava saindo de uma festa.

Eram quase quatro da manhã.

Ia o Silêncio pela rua carregando um bêbado.

Preparei minha máquina.

O silêncio era um carregador?
Fotografei esse carregador.
Tive outras visões naquela madrugada.
Preparei minha máquina de novo.
Tinha um perfume de jasmim num beiral de um sobrado.
Fotografei o perfume.
Vi uma lesma pregada mais na existência do que na pedra.
Fotografei a existência dela.
Vi ainda azul-perdão no olho de um mendigo.
Fotografei o perdão.
Vi uma paisagem velha a desabar sobre uma casa.
Fotografei o sobre.
Foi difícil fotografar o sobre.
Por fim cheguei a Nuvem de calça.
Representou pra mim que ela andava na aldeia de braços com
Maiakovski – seu criador.
Fotografei a Nuvem de calça e o poeta.
Ninguém outro poeta no mundo faria uma roupa mais justa para
cobrir sua noiva.
A foto saiu legal.

Em seguida, exibiríamos um trecho do filme “Só dez por cento é mentira”³, disponível no QR CODE seguinte, dirigido e escrito por Pedro Cezar, que fala, também, sobre a força inventiva que pode ter o olhar e, por consequência, a foto: como a imaginação pode ser uma possibilidade desse processo.



4

Neste trecho, o filme utiliza algumas imagens de muros, e em seguida desenha contornos nessas imagens, mostrando formas que estavam ali, e que foram vistas-criadas pelo observador. Essa potência real-criadora desse recorte do filme, que fala também do espectador e o que ele produz *a partir* daquilo que está sendo visto (ou não), vai ao encontro do que Migliorin afirma

Nessa mistura entre o que há e o que se transforma existe ainda a presença do espectador que não está diante da imagem para receber o mundo sem mediação, nem, tampouco, para receber a mediação – apenas um autor – sem mundo. Não parece ser por outro motivo que Bergala nos assinala que o cinema é questão de criação, não de transmissão de um saber audiovisual ou artístico. A arte não se ensina, experimenta-se. Experimentar nos interstícios entre o mundo que existe e a liberdade de criarmos outros. Experimentar no lugar de interpretar, como tanto insistiu Gilles Deleuze. Podemos então dizer

³ Para saber mais sobre o filme, acesse: http://www.sodez.com.br/o_filme.htm

⁴ Esse é um QR CODE. Para acessá-lo, basta instalar um leitor de QR CODEs em seu aparelho celular, tablet, etc. Esse vídeo também pode ser acessado no link: <https://youtu.be/aSURPwUKGvU> <Acesso em: 13 de fevereiro de 2020>

que o cinema é uma experiência na transformação da realidade, em que o que está dado para se ensinar com o cinema é um não-sei-o-quê de possibilidades. (MIGLIORIN, p. 37)



Em nossa experimentação apresentáramos nossa proposta: filmar-fotografar escolaS, que seriam produzidas na medida em que fossem filmadas/fotografadas, a partir das perguntas disparadoras: O que só você vê na escola? Qual seu cantinho preferido da escola? O que você não gosta tanto da escola? Quais são os cheiros que você mais gosta da escola? O que só você sente na escola? Tem algum espaço na escola que você sente medo? Tem algum espaço na escola que te traga alegrias ou boas memórias ou tristezas? Quando falamos a palavra escola o que você sente, que imagem/cena você vê?

No entanto, tínhamos algumas condições de filmagem e de fotografia. Para filmagem, a ideia foi que a turma se dividisse em grupos de no máximo 5 pessoas, e fizessem um plano sequência, que é um plano feito sem cortes de cena, de no máximo 5 minutos em que as respostas de todos do grupo aparecessem no vídeo. Acreditamos que, com essa condição, os alunos precisariam pensar e se articular sobre o que eles gostariam de filmar, conversar entre si para decidir como fariam essas articulações, como, por exemplo, quanto à ordem de gravação, já que não teriam a opção de parar a gravação e iniciar a partir de um novo ponto.

Para as fotografias, a proposta era que a turma também se dividisse em grupos, da forma que achassem melhor, e, em uma caminhada pela escola, fizessem pausas para observar a partir de outras perspectivas, como, de ponta-cabeça, de barriga para cima, de ouvido, de lupa, em pé numa cadeira, e também tentar fotografar estranhamentos, movimento, cheiros, silêncios, se permitindo ridículos.

Cada aluno deveria tirar no máximo 3 fotos. Esse limite foi definido, tendo em vista as demais etapas de nossa experimentação: dois outros encontros em que trocaríamos as produções entre as duas escolas participantes. A ideia de troca surge tentando criar encontros em que houvesse a possibilidade dos alunos conhecerem um outro lugar-escola a partir do que o próprio habitante (e habitado) daquele lugar-escola produzisse a partir dele. Então, passaríamos à experimentação. Por último, depois que todos os alunos tivessem finalizado suas atividades e retornado para a sala de aula, faríamos a exibição de tudo que fora produzido, com as seguintes perguntas “O que ficou fora de quadro? O que sabemos que existe mas optamos por não fotografar? O que gostaria de ter mostrado ainda? O que é parte da comunidade mas pouco falamos ou temos dificuldade em falar?”.

3 PERDER-SE É CAMINHO



Planejar não é só escrever coisas em um papel.



Você pode não ter escrito, mas estava no plano.



*Planejar é saber compor com o que vem.
Filipe Fernandes*



Quando desenhamos esses caminhos, tínhamos uma intenção de que, a partir deles, xs alunxs pudessem produzir lugares-escola produzindo também caminhos outros, com a possibilidade de perderem-se até mesmos daqueles que havíamos traçado anteriormente. Vamos ao encontro de Clarice Lispector, quando nos diz que “Perder-se também é caminho”, e com isso, nos perdemos daquilo que fora planejado para aquilo que *estava sendo* (e aquilo que está sendo, sempre gerúndio, consideramos da ordem dos movimentos e não da essência).

Logo, nos desdobramentos destes escritos, imagens outras, nos inventamos em cenas daquilo que *foi sendo* durante nossas experimentações, juntamente com alguns comentários que foram feitos pelxs alunxs. Talvez, na tessitura deste ensaio, você, leitrx, possa retornar às perguntas iniciais com um olhar outro para elas, e para as imagens que transpassam todas páginas. Quem sabe, talvez você também possa se produzir transvendo os seus lugares-escola.

Nunca se trata de pensar lugares-escola em generalidades, homogeneizações, pois cada escola em cada tempo e espaço é única. O interessante é pensar no que pode essa singularidade. Que ela pode? Que outras vidas nela podem ser inventadas?

Há ainda uma narrativa instituída em nossos corpos: A escola pública. Nunca vimos essa tal escola pública. Talvez, poderíamos falar da escola que estudamos, de algumas que visitamos com alguma frequência, de outra que trabalhamos. Nessas escolas, acontecem muitas coisas que não se limitam às aulas de matemática, português, geografia... Nelas, vidas são produzidas, em processos de invenções. Nesses escritos e imagens produzidos neste ensaio, exploramos essas vidas outras, que deslocam nossas ideias de prescrições, programações, cumprimento de currículos e avaliações daqueles que aprenderam e vão para série seguinte (aqueles que tiveram sucesso), daqueles que não aprenderam e ficarão na mesma série (os fracassados). Processos de classificação e exclusão operam escamoteados nas salas de aula, sempre a favor de uma lógica meritocrática.

Neste ensaio, nossas invenções são, apenas sendo. Elas não se preparam para acontecer, elas acontecem nos entre de imagens e escritas, no título e na cor da segunda imagem, na citação-epígrafe da segunda página e no QR code que nos joga para outro lugar, naquilo que se tensiona entre uma tela de um computador e as materialidades do lugar de quem lê. Sempre tentativa, sempre travessias, sempre experimentos...

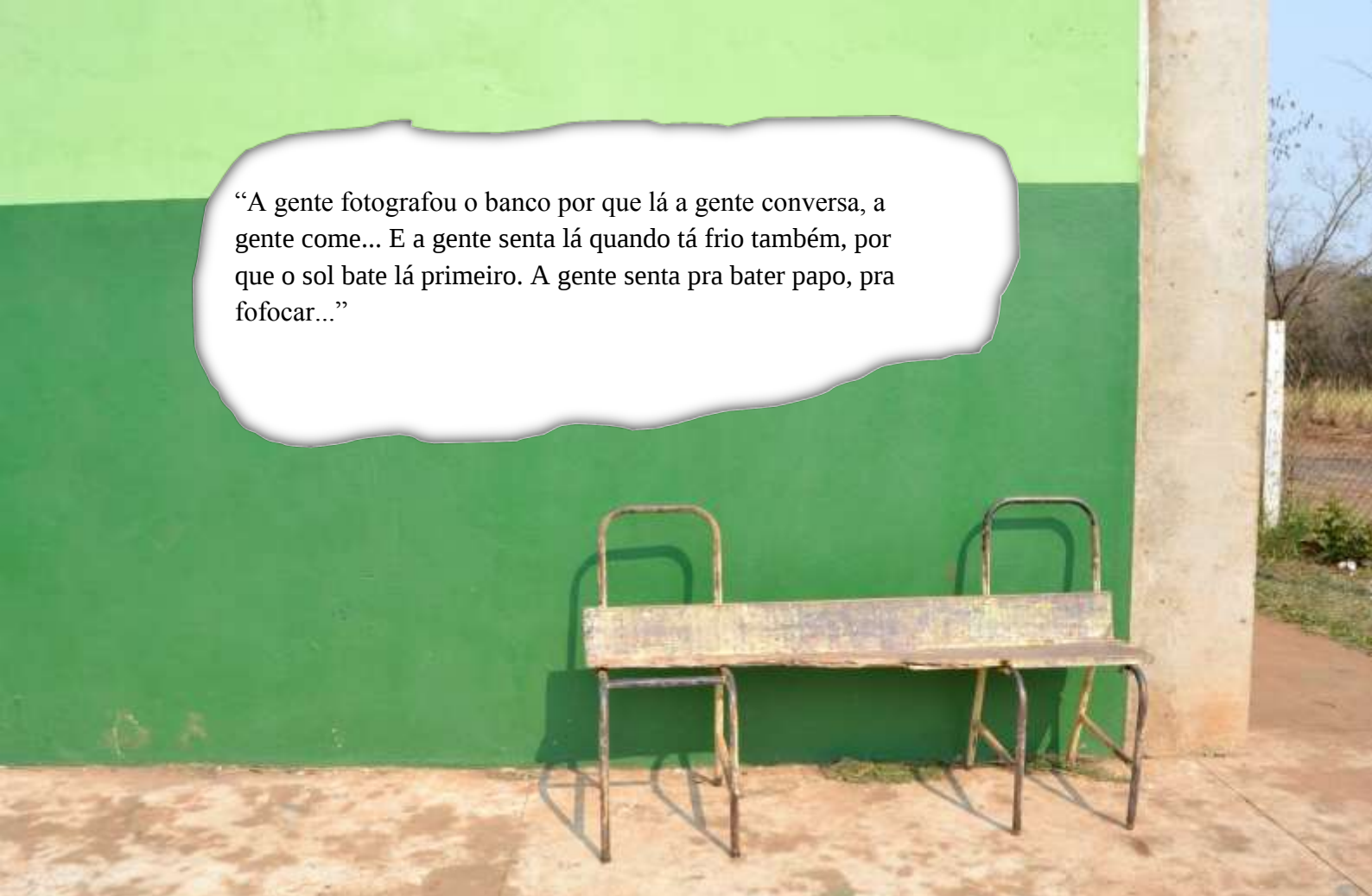
Cadê a matemática? Ela está nos sorrisos dxs alunxs, no entre das palavras e imagens. E a educação matemática? Ela está ali, na potência, no vacilo dos olhos de quem olha e transvê imagens e escritos. Que tal pensarmos em educações matemáticas como possibilidades de construções de escolas outras, nas quais a noção de aprendizagem possa ser deslocada para a de responsabilidades, entre aqueles habitam e constituem esses espaços-lugares? Responsabilidades em produzir vidas, sonhos, partilhas, ...

Nossos tensionamentos inventam outras narrativas e lógicas, que se inventam em possibilidades de escolas outras, como espaços de partilhas; em problematizações do que nelas acontecem; em vacilos, traços, linhas outrxs: produções inventivas.

Nos entres em como escolas outras são produzidas, em movimentos e linhas, temos imagens e palavras e palavras e imagens:



“A gente fotografou o banco por que lá a gente conversa, a gente come... E a gente senta lá quando tá frio também, por que o sol bate lá primeiro. A gente senta pra bater papo, pra fofocar...”



“Eu nunca fui na sala da diretoria. Será que a gente pode entrar lá?”



“Olha!!!
A gente tem
uma sala de
leitura aqui na
escola.
Vamos lá
fotografar!”





*A arte não se ensina, experimenta-se.
Experimentar nos interstícios entre o mundo que existe
e a liberdade de criarmos outros.
Cezar Migliorin*

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Cristiano. **O espaço em devir no documentário**: cartografia dos encontros entre cinema e escola. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas-SP, 193 f., 2017.

BELEZZA, Eduardo Oliveira. **Desacostumar os olhos**: experimentando (em) vídeos/espacos/poesias. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2014, 105 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

MIGLIORIN, Cezar. **Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá**. Azougue Editorial, 2015.

PEREIRA, Elaine Aparecida. **As relações de autoridade na escola e na família segundo os adolescentes**. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 166 f., 2014.

ROMAGUERA, Alda Regina Tognini; WUNDER, Alik. Políticas e Poéticas do Acontecimento: do silêncio a um risco de voz. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, v. 6, n. 1, p. 124-146, 2016.

SANTOS, Boaventura Souza. **O fim do império cognitivo**: as afirmações das epistemologias do Sul. Autêntica. 2019.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem**: educar. Autêntica, 2017.

VIANA, Bruna Letícia Nunes. O QUE SÓ VOCÊ VÊ NA SUA ESCOLA? Encontros, alunxs, cenas e... Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, defendida em: 04 de fevereiro de 2020, no prelo.

WUNDER, Alik. Restos quase mortais: fotografia, acontecimento e escola. **31ª Reunião Anual da ANPEd**, Caxambu, 2007.

Bruna Letícia Nunes Viana

Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

E-mail: brunanunes.v@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8169-5638>

João Ricardo Viola dos Santos

Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

E-mail: jr.violadossantos@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4560-4791>